

Introdução¹

Nunca foi uma decisão. Quando a gente conta a vida da gente, a gente tende a fazer uma retrospectiva arrumada. Mas nunca é arrumada. As coisas vão acontecendo meio por acaso [...] Então não é decisão. A gente... Acontece, conhece alguém... Não vou dizer como a Mariza Peirano gosta de dizer, que foi por acaso, porque nunca é inteiramente por acaso também. Tu tens circunstâncias que, mais ou menos te encaminham por aqui, por ali. Mas não é assim uma decisão, digamos (Corrêa, 2003b, p. 106).

É dessa maneira que Mariza Corrêa (1945-2016) respondeu à indagação sobre a decisão de se tornar antropóloga, em entrevista concedida à revista *Cadernos de Campo* em 2003. Essa passagem mostra não apenas o ato de contar sobre si mesma, mas também de contar sobre o outro: se trata de

1 Este livro constitui um desdobramento da minha pesquisa de doutorado em antropologia social, atualmente em andamento no PPGAS da Unicamp, intitulada “Um olhar sobre a constituição da história da antropologia no Brasil através da obra de Mariza Corrêa: gênero, arquivo e memória”, a investigação é financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP, processo nº 2021/05948-9). Seu propósito central é refletir sobre a consolidação de uma agenda crítica no campo da história da antropologia no Brasil, tendo como eixo a trajetória e a produção intelectual de Mariza Corrêa. Essa investigação está vinculada ao auxílio à pesquisa Jovem Pesquisador (processo nº 2019/05567-5) desenvolvido por Luís Felipe Sobral (1980-) na mesma universidade.

uma narrativa que procura dar um sentido lógico, a posteriori, a uma série de acontecimentos, eventos, lacunas e divergências que marcam a trajetória acadêmica. Corrêa, nessa toada, acaba por criar uma ilusão de coesão (cf. Bourdieu, 1996), onde processos parecem antecipar e produzir desdobramentos, quando, na verdade, são resultados de uma complexa junção entre acontecimentos, circunstâncias, possibilidades e ações coletivas e individuais. E assim, entre as coisas que acontecem, as circunstâncias e o que os indivíduos experienciam e como agem a partir desse processo, as trajetórias e as histórias de vida são também construídas.

Como veremos a seguir, o ingresso de Corrêa na disciplina não ocorreu durante a graduação, mas sim após uma série de circunstâncias, cerca de dez anos depois de sua formação em jornalismo. Contudo, foi na antropologia que ela desenvolveu a maior parte de sua carreira, atuou na construção de diferentes instituições, formou pesquisadoras e pesquisadores e desenvolveu trabalhos que marcaram a antropologia brasileira.

De forma análoga à problemática entre decisão e acaso, também não é possível separar a vida e a obra ao se contar a trajetória de uma determinada intelectual. É na dissolução desse modelo e na articulação entre essas duas categorias que conseguimos acompanhar os contextos, preocupações intelectuais e relações desenvolvidas ao longo de uma vida. O trabalho intelectual não se produz em separado das outras atividades e da vida pessoal de seus agentes. Ele acontece através de parcerias e interlocuções, da atuação nas instituições científicas, dos projetos produzidos em paralelo; essa trajetória é resultado desse acúmulo da vida. No caso de Corrêa, é impossível pensar sobre a história da antropologia que ela construiu sem olhar para a sua atuação feminista, não apenas no sentido de como foram constituídos seus interesses de pesquisa, mas sobretudo pelas sensibilidades que marcaram seus trabalhos, não restrito às questões relacionadas a gênero.

Essa afinidade entre fazer antropológico e crítica feminista se notava também em sua própria produção, já que as questões de gênero não eram

meros contextos para os trabalhos que Corrêa realizou ou para as figuras que escolheu colocar em destaque em suas pesquisas. Como veremos com mais detalhes, podemos perceber essa forma de contribuir com os debates antropológicos já em sua pesquisa de mestrado, em que era nítido que as denúncias levadas a cabo por feministas sobre o uso do recurso jurídico no contexto brasileiro, “legítima defesa da honra”, no caso de assassinato de mulheres por seus companheiros, foram importantes para o desenvolvimento de suas análises. Por outro lado, Corrêa foi além e olhou também para o uso que as mulheres faziam desse dispositivo ao serem acusadas do mesmo tipo de crime. Dessa forma, a antropóloga conseguiu desenvolver uma pesquisa crítica, que não deixava de lado seus ideais pessoais, mas que também começava a olhar para as mulheres para além de um discurso que as colocava apenas como vítimas passivas de uma situação de violência.

Podemos ainda citar brevemente o seu trabalho sobre antropólogas e esposas de antropólogos, desenvolvido a partir do final da década de 1980. Nessa investigação, ficou claro que gênero (como também outros marcadores sociais da diferença), mais do que moldar um estilo diferente de fazer antropologia, marcou as relações e o modo de entender essas experiências e a forma como a historiografia da disciplina foi constituída. Ainda que em menor número, havia mulheres atuando diretamente na disciplina ou realizando pesquisas cujos objetivos se aproximavam de temáticas e debates antropológicos, sendo que parte dessas figuras compartilhavam espaços ou discussões de seus colegas, mas não eram lembradas da mesma maneira pela história da disciplina. Mariza Corrêa procurou dar atenção para essa atuação tomando o apagamento da história contada como uma questão fundamental para a reformulação da antropologia que se defendia nas últimas décadas do século passado e que se pretendia crítica sobre sua própria prática. Assim, sua pesquisa, mais do que trazer à tona o trabalho de algumas mulheres como exemplos marginais de uma história das ideias, buscou, a partir de suas

trajetórias, pensar sobre como escrevemos e recuperamos o passado da antropologia produzida no Brasil.

Nesse sentido, as pesquisas de Corrêa permitiram uma reflexão sobre como construímos essa memória, como tratamos certos tipos documentais e como essas questões ainda impactam na reflexão da historiografia da antropologia. Esses debates encontravam ecos nas reflexões sobre gênero, mas também sobre a preservação e constituição de fundos documentais de mulheres na ciência, especialmente no tocante às parcerias amorosas e familiares que constituíram. Além disso, é importante mencionar que o trabalho de Corrêa referente à história da antropologia constituiu uma importante contribuição para o desenvolvimento de um campo e da construção de uma agenda de pesquisa – aspectos que ficam mais claros ao longo do livro.

O trabalho historiográfico de Corrêa se iniciou em um período em que pouco havia se produzido sobre a memória da disciplina no país, especialmente com esse fim. O Projeto História da Antropologia no Brasil (PHAB)² deve ser considerado pioneiro, ainda que não o único desse tipo, e não apenas pelo volume de dados obtidos (através de entrevistas e recolha de material documental), mas também pela forma como essa iniciativa tomou corpo e produziu resultados para além dos objetivos iniciais. Corrêa não seguia os marcos utilizados pela historiografia então oficial, visto que a própria investigação que empreendia a levava a outros caminhos, e buscava registrar histórias que até aquele momento eram menos conhecidas, mas que através dos depoimentos assumiam uma “notoriedade retrospectiva” (cf. Corrêa, 2003a, p. 21). Dessa forma, a autora reconstruiu novas formas organizativas para a disciplina, pautadas pela construção de seu objeto de pesquisa. Emergiu desse trabalho a

2 O projeto foi uma iniciativa voltada à recuperação da memória da antropologia produzida no Brasil, reunindo esforços de sistematização e reflexão sobre sua história intelectual no país – tema que será analisado mais adiante.

certeza da importância da análise das relações intersubjetivas, seja para o mapeamento das redes e de participantes das mesmas – em que cada pessoa entrevistada indicava outros nomes para serem perseguidos analiticamente –, seja devido a um diálogo próximo que reconstruía essas histórias.

Uso aqui o termo “historiografia”, ainda que de maneira geral Corrêa não o tenha utilizado, justamente porque seu trabalho foi além do escrever e recuperar a história da disciplina. O trabalho da antropóloga esteve centrado em como escrever e olhar para as várias histórias que compõem nosso passado, como encontrar essas outras vozes e o que podemos fazer com a nossa prática antropológica a partir disso. Dessa forma, olhar para a trajetória de Corrêa instiga a ir mais além do que apenas conhecer uma personagem importante do passado, não tão distante, da disciplina, mas nos relembra e nos convida a refletir sobre como podemos escrever as muitas histórias que ainda esperam por serem ouvidas e que podem auxiliar a construção de novos lugares e debates antropológicos.

Além dessa introdução, o presente livro está dividido em dois capítulos. No primeiro, intitulado “Caminhos de formação: entre escritas, saberes e deslocamentos”, apresento a trajetória de Mariza Corrêa desde sua formação em jornalismo até seu ingresso na antropologia, passando por seus primeiros trabalhos intelectuais, sua estadia nos EUA, suas primeiras pesquisas e seu ingresso como professora na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). É nesse momento que se torna possível observar como seu interesse pela literatura e pelo feminismo foram se entrelaçando em uma série de acontecimentos que a levaram à antropologia. A seguir, no segundo capítulo, intitulado “Memória, arquivo e crítica: Mariza Corrêa e a antropologia em perspectiva”, continuo apresentando sua trajetória a partir do início do PHAB e suas investigações subsequentes, que tiveram como foco olhar para algumas figuras femininas silenciadas pela história da disciplina, tal como contada até aquele momento; assim como o seu último projeto de pesquisa, relacionado às mutilações

genitais. A escolha dessa divisão esteve centrada nos próprios caminhos de trabalho e de pesquisa de Corrêa. Por fim, o livro conta ainda com um primeiro apêndice, intitulado “Notas biográficas”, onde contextualizo brevemente as principais pessoas mencionadas ao longo do texto, e um segundo, com a produção bibliográfica de Mariza Corrêa.



Mariza Corrêa em cerimônia de formatura do curso de Ciências Sociais na Unicamp (Fundo Mariza Corrêa, Arquivo Edgard Leuenroth, Unicamp).